

TAXA PAGA



# Blumenau em cadernos

TOMO XIV ★ JANEIRO DE 1973 ★ Nº. 1

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armin Mamigonian - Presidente Prudente S. P.

# Blumenau em Cadernos

TOMO XIV

Janeiro de 1973

Nº. 1

## INICIANDO NOVA CAMINHADA

Com o presente número, «Blumenau em Cadernos» entra no seu 14º ano de vida, iniciando o XIV Tomo.

Isso significa que esta publicação já editou, nada menos, que 156 cadernos mensais, com 3.120 páginas, o que a consagra como o maior repositório de informações históricas de Santa Catarina.

Nascido modestamente, sem outras pretensões além das de servir, dentro das nossas possibilidades economicas e intelectuais, ao estudo e desenvolvimento da cultura histórica «barriga-verde», pela persistencia, pelas renúncias e, sobretudo, pela coragem conseguiu esta publicação firmar-se no conceito popular e no das entidades, a que está confiada a guarda das nossas tradições, o estudo e a preservação do legado cultural que recebemos dos nossos ancestrais.

Auxiliado pelos poderes públicos municipais, por muitas fir-

mas locais e diversos e abnegados particulares, «Blumenau em Cadernos», nos dois últimos anos, conseguiu desafogar-se, um pouco, das enormes dificuldades que, até então, entravavam a sua publicação regular. E isso, graças à subvenção que nos dá o governo municipal e à ajuda que nos propiciam as organizações e particulares cujos nomes figuram, com o nosso reconhecimento, na contra-capa das várias edições.

Ao iniciarmos uma nova etapa, expressamos a esses dedicados cooperadores a nossa gratidão e asseguramo-lhes que, não nos faltando a sua ajuda, seguiremos adiante, com maior coragem e crescente entusiasmo, mostrando que, também nós, aprendemos a ser perseverantes nas nossas iniciativas, firmes na ansia de trabalhar pela grandeza economica, politica e cultural da nossa terra.

Os nossos agradecimentos, igualmente, aos nossos assinantes e

a quantos, de uma maneira ou de outra, colaboram conosco, prestigiando esta publicação, honrando-a com o seu apoio e o seu amparo.

Coroando os nossos esforços, a Colenda Câmara de Vereadores, num gesto que muito nos envaidece, aprovou a Lei nº. 1.895, de 15 de dezembro de 1972, considerando «Blumenau em Cadernos» de utilidade pública. A iniciativa dessa Lei partiu do Vereador, sr. Dr. Victor Sasse, nosso cooperador desde as primeiras horas desta revista. Dando unanimidade à decisão, os edis blumenauenses não poderiam ter afirmado melhor demonstração de apoio e simpatia a esta publicação que, alheia à política partidária, não tem se afastado uma só linha das normas que se traçou, de absoluta independência para poder ser, realmente, um órgão destinado ao estudo e à divulgação da história de S. Catarina

Ao senhor Prefeito Municipal, que sancionando a citada lei,

prestigiando-nos em todas as oportunidades, tem contribuído muito para a afirmação desta revista como instrumento de cultura histórica, os nossos melhores agradecimentos.

O nosso reconhecimento, também, à Fundação Teófilo B. Zadrozny que, há dois anos, vem contribuindo, com generosa subvenção mensal possibilitando, num futuro próximo, a ampliação e maior difusão desta revista.

Amparado por forças tão prestigiosas e tão eficientes, nós olhamos o futuro com muito otimismo, certos de que «Blumenau em Cadernos», por muitos anos ainda continuará a sua tarefa abençoada.

A todos, leitores, assinantes, fovecedores e amigos, os nossos melhores votos de um próspero e feliz 1973.

A Direção.



# Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva  
(Reg. Min. Trabalho nº. 2)

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15-12-72

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

Caixa Postal, 425 - 89100 - BLUMENAU - Santa Catarina

## SÃO FRANCISCO E JOINVILLE VISTOS POR UM AMERICANO EM 1855

A. A. da Luz

Uma colônia que teve sucesso foi a de Joinville, antiga Dona Francisca, á margem do rio Cachoeira, próxima da vila de São Francisco e instalada em 9-3-1851, com colonos suíços vindos na barca «Colon» e noruegueses na sumaca «Glória dos Anjos». A colonização foi feita em uma parte das terras que constituíram o dote de D. Francisca, irmão de D. Pedro II, quando se casou com o príncipe D. Francisco Fernando Felipe Luiz Maria de Orleans, 3º filho do rei da França (Luiz Felipe) e almirante frances.

Em 1849, constituiu-se em Hamburgo uma Companhia Colonizadora. Numa das estações de água da Alemanha, o Príncipe que vivia agora exilado na Inglaterra, encontrou-se certa vez com o senador hamburguez Cristiano Schroeder que lhe propos um plano de colonizar suas terras por meio da Companhia. As terras do patrimonio dos príncipes já haviam sido demarcadas em 1846 pelo engenheiro militar catarinense Jerônimo Coelho. O contrato entre a Companhia e os Príncipes, foi aprovado pelo governo brasileiro em maio de 1850. A área a ser colonizada era de 46.500 hectares. (8 léguas quadradas).

Em março de 51, pela barca «Colon», chegaram os primeiros colonos (191) dos 1.600 que a Companhia se comprometia a trazer (Número este que foi atingido em março de 55). A maioria dos primeiros colonos era constituída de alemães e suíços, embarcados em Hamburgo (74 eram noruegueses, dos quais poucos ficaram na Colônia, que se destinavam a Califórnia). No contrato a Companhia gozava de favores do governo, como por exemplo, isenção do serviço militar, isenção dos direitos alfandegários durante 10 anos. Não devia enviar indivíduos saídos de prisões da Europa e prejudiciais á Colônia. Tinha também a obrigação de fundar hospitais, igrejas e escolas.

Em 1851 chegaram 471 colonos e em 52 mais 409. Quase todos pagaram suas passagens na saída da Europa (isto atesta a categoria destes colonos que possuíam algum recurso). A maioria era de alemães-russos e prussianos, havendo alguns franceses e noruegueses.

Veio para a Colônia, como representante do Príncipe, em 1859, o vice-consul frances em Sta. Catarina, Leonce-Aubé que ficou até 14-9-69 (dezoito anos), sendo substituído por John Oto Luiz Niemeyer. Aubé deixou de sua estadia aqui uma «Notice sur la province de Sta. Catarina» que pode ser lida no vol. III (1847) dos «Annales Maritimes». (1)

Foi primeiro diretor da colônia Dona Francisca, Eduardo Schroeder, filho do Senador. Pode-se fazer uma idéia do ânimo dos colonos, que chegaram a S. Francisco pelo brigue dinamarques «Gloriosa», em

27-9-51, através de uma carta de Cezário Mendes ao governador da Província: «No dia Seguinte, partiu o navio rio acima, fundeando em lugar mais próximo á colonia, para a qual desembarcaram os colonos muito alegres e satisfeitos, acompanhados pelos srs. coronéis Camacho e Antônio João Vieira, que concorreram com suas canoas e escravos para o transporte de bagagens e utensílios dos mesmos». E sobre o comportamento destes colonos na nova terra, dizia: «não se poupando os colonos a todo e qualquer trabalho, pois alguns dos que outrora serviram em seu país como oficiais militares não repugnam a pegarem no machado e na foice para derrubarem a mata, e melhorarem as picadas que existem abertas em diferentes direções, podendo nelas já transitar a cavalo em grande distancia para as casas que se acham edificadas ao correr das mesmas picadas, cujo número já passa de cincoenta».

Inicialmente era uma colonia agrícola, sua produção era constituída de cana, arroz, mandioca, feijão, batata, milho, fumo, café e algodão.

Com a chegada do «Gloriosa» deu-se na nova colonia uma transcendental mudança de rumo e orientação: a colonia que era até então exclusivamente agrícola e repartida em pequenos lotes entre gente de lavoura, passou desde então a contar com numerosos técnicos, artífices, intelectuais e donos de capital. Estes passaram a comprar terras já cultivadas e tomar como empregados antigos e novos imigrantes e lançar-se a empreendimentos de maior vulto, como por exemplo o Sr. Poschaan...

Da relação dada por Carlos Ficker em sua história de Joinville (pg. 103), temos: «Entre os 75 imigrantes, encontramos, além de alguns trabalhadores contratados por Bernhard Poschaan Júnior, 8 Oficiais com grau de Universidade, 2 engenheiros diplomados, 1 Médico, 1 Doutor em Direito, 2 candidatos a Teólogos, 1 Professor de Colégio, 7 Ecomistas, 5 Comerciantes, 2 Naturalistas, 1 Marceneiro, 2 Carpinteiros, 1 Litógrafo, 2 Jardineiros, 2 Açougueiros, etc». «A primeira iniciativa dos recém-chegados manifestou-se na aquisição de lotes e terrenos já plantados e com casas já construídas. A segunda consequencia da introdução da intelligencia e capital na nova Colonia, até essa data puramente colonial, foi a lógica transformação do colono independente em empregado pago pelo capitalista. O núcleo colonial «Schroedersort» («Lugar dos Schroeder», como era conhecido o primeiro aldeamento) avançou o seu primeiro passo para a futura cidade, com a instalação de vendas, empórios, lojas e o estabelecimento dos ofícios como seleiros, padeiros, ferreiros e tantos outros, para atender as necessidades dos moradores do vilarejo.

E é esta a maior tendencia para o comércio e a indústria que vai prevalecer em Joinville, originada daqui, que vai impressionar já em 1858 o viajante e escritor Roberto Avé-Lallement.

Mas em 52 já havia fábrica de vinagre, louça de barro, de cigarros e uma olaria para fabricar tijolo e telhas. Também já se contava

5 casas de negócio, 2 padarias, 1 açougue, 1 ferraria e até uma hospedaria. Havia ainda na colonia dois médicos. (Dr. Moeller e Dr. Krebs), dois boticários, dois naturalistas, dois professores, um inspector e um diretor... A presença de médicos e boticários era uma necessidade, porque um dos obstáculos que tiveram de enfrentar os colonos (e até recentemente) era o impaludismo ou malária que sempre grassou nestes terrenos alagadiços e umbrosos...

A colonia por seu estatuto (23-1-52) possuía uma Comuna (poder legislativo local) que nomeava os cinco membros do Conselho Comunal que devia se ocupar dos interesses de cada colono em particular. Um Juiz de Paz, representando um poder absoluto no que não colidisse com as leis brasileiras...

Em 1855 a colonia já conta com 1.428 almas... Desta época e desta colonia contamos com o testemunho de um viajante norte-americano, Revmo, J. C. Fletcher que publicou, com D. P. Kidder um livro «Brazil and the Brazilians» (2) do qual transcrevemos os principais tópicos sobre São Francisco e Joinville. (3)

«No dia seguinte (2ª. feira, meados de junho de 1855) deixamos Paranaguá. Após uma agradável corrida de vapor de oito horas ao longo da costa, entramos na segura baía de S. Francisco do Sul. É agradável viajar em um vapor brasileiro, desde que não se esteja com pressa... De todos os viajantes com quem tenho viajado, os brasileiros são os de melhor temperamento e mais agradáveis depois de travar amizades com eles. Os Passageiros se mostram fecundos em anedotas e gracejos durante uma ou duas horas (após as refeições) e depois dormem a sesta ou lêem... Por causa do ardor do clima, cada um destes vapores costeiros tem, em redor de todo o passadiço superior, pequenos camarotes, ou, mais propriamente, respeitáveis casas de cachorro, com uma janela de correr. Embora haja confortáveis leitos nos de baixo, estes camarotes superiores são os mais agradáveis, pois de noite e de dia tem-se sempre ar fresco e puro».

Viajava no mesmo vapor uma companhia teatral: «Quando, na minha volta, entrei no vapor, reparei com uma senhora, cujo gosto singular de vestir-se tinha atraído a atenção de todos de bordo, recebia as atenções de uns guapos senhores, cujos bigodes bem elegantes e sapatos bem lustrosos, indicavam que pertenciam a uma classe bem diferente à daqueles passageiros, vestidos de ponche, que se dirigiam a Curitiba e aos sertões. Pouco depois fui informado que a senhora em questão, era a brilhante estrela de uma companhia, que viajava então pelas províncias, e que os senhores eram da mesma companhia teatral, tendo chegado alguns dias antes da sua prima dona absoluta»

Sobre São Francisco disse: «Este não é o São Francisco das maravilhas de progresso (o da Califórnia), dos aventureiros e dos sonhos dourados. A demais, quanto ao ouro, não há nenhum; e quanto aos aventureiros, apenas dois marinheiros desertores; e quanto ao progresso, este

está revirado, pois aqui há uma porção de casas para alugar, precipitando-se depressa (a única pressa aqui notada) para uma ruína geral». E continua: «Havia grandes esperanças, no começo deste século, de que São Francisco do Sul se tornaria um florescente mercado, em virtude da estrada, que veio abrir as altas planícies ao comércio da baía de São Francisco (referia-se à estrada Dona Francisca, que ainda não estava concluída). Além disso, houve grande atividade nessa época, consistindo a principal ocupação dos habitantes na construção de navios e no corte de madeiras. Embarcações de grandes dimensões foram antigamente construídas em São Francisco, bem como navios costeiros, por ordem de negociantes do Rio, Bahia e Pernambuco. A madeira usada era tão forte, segurando o ferro tão firmemente, que os navios construídos com ela eram das mais duráveis qualidades, e mais estimados pelos portugueses e espanhóis do que os construídos na Europa. E ainda: «Quando contemplava as sossegadas ruas de S. Francisco, quando observava sua baía privada de qualquer navio que não fossem os pequeninos costeiros, e os seus estaleiros ativos em tempos passados, com apenas duas chalupas de mandioca em concerto pensei quanta diferença havia entre a realidade do presente e as considerações de meio século passado, relativas à atividade comercial e o futuro progresso desta cidade, situadas nas águas da Babi-tonga, nome pelo qual a baía era conhecida pelos indígenas». «Pensava-se que o estabelecimento de uma colônia de europeus na vizinhança da decadente cidade a faria ressurgir; mas até aqui não deu resultado, e temo que muitos anos se passarão ainda sem que isto se venha a dar». Mas se hoje o progresso de São Francisco não foi identico ao de Joinville, é de admirar que o seu aspecto de ruína há um século atrás não corresponda à sua boa conservação atual...

Em São Francisco o nosso viajante americano hospedou-se no hotel de Herr Schneider, um alemão, que com «toda a família falam difficilmente outra lingua que não o alemão». «Minha ceia foi perfeitamente alemã, pois terminou por cerveja, que, na falta de cevada, é feita de arroz, abundante nesta zona». E diz que: «Fizemos então uma sociedade de ensino mútuo, - uma troca de ingles e alemão. Quantos alunos ao todo não sei dizer: mas certo número de sadias e jovens «frauleins» de 19 anos ou menos, juntamente com alguns robustos e rosados rapazes. Há tanto tempo não via crianças de olhos azuis e cabelos louros, que foi para mim uma curiosidade».

Sobre a cama do hotel disse: «Mas, puxando para baixo o cobertor, verifiquei que era um acolchoado de plumas feito para o inverno prussiano. Estes alemães, quando deixam a terra natal, não conhecem região onde o inverno e a neve pudessem ser estranhos. Descobri também que, em vez do bom, saudável e duro colchão brasileiro, havia um segundo e imenso acolchoado de penas; e eu devia meter-me entre os dois». «Dormi muito mal, e às tres e meia hora ouvi os pesados passos de José Grande». Este era um preto corpulento e escravo que possuía uma canoa que levou rio Cachoeira acima o nosso viajante que disse:

«Depois de algumas horas de remagem, o rio tornou-se



extremamente estreito, tanto assim que as árvores, com suas ricas parasitas, dobravam-se por sobre nossas cabeças. Já nos encontrávamos na nova vila de Joinville, na colônia de Dona Francisca. Saltamos em terra, amarramos a nossa canoa num tronco de árvore recentemente caído, e viajamos sobre - ou antes - dentro de uma estrada encharcada como uma esponja dentro de uma água. O lugar em que nos achávamos era, na verdade, um início de uma nova cidade no deserto, casas fincadas no recesso de matas e abundancia de lama e de crianças; mas não fosse a diversidade da flora, ter-me-ia acreditado para lá do Missouri, nos limites de Kansas. Por todos os lados a floresta e aqui e ali, uma clareira, no centro da qual estava a cabana de um colono. O tamanho e o aspecto novo das casas, as árvores derrubadas, as trilhas enlameadas, a aparência geral de tudo, recordava-me uma colônia pioneira no oeste. Era curioso ver homens do Reno, e alguns dos arredores de Berlin, «plantados» aqui entre matas virgens, em cabana da mais rude construção, cobertas de folhas de palmeiras».

O «Hotel» de Herr Palm (3) era o meu alvo e nele me aguardava uma cordial acolhida...

«A vila de Joinville contém cerca de sessenta casas (60); nas regiões adjacentes há cento e vinte (120), e outras em construção. Deduzidas as mortes há aproximadamente mil e quinhentos (1.500) habitantes nessa colônia; por outro lado há um considerável número de franceses e franceses-suiços, nas colônias adjacentes fundadas pelo Príncipe de Joinville em suas próprias terras. (Quando o príncipe concedeu à Companhia de Hamburgo nove léguas quadradas, reservou uma certa quantidade de acres para si próprio, nas melhores situações).

Dois terços da totalidade dos colonos são sem dúvidas protestantes, e o outro terço é constituído por católicos.

Qual será o sucesso da colônia, esperemos para ver. Os colonos, com poucas exceções não são da melhor classe que procuram o Novo Mundo; naturalmente a Companhia, desejando cumprir seu contrato quanto á quantidade, não pode ser mais cuidadosa na seleção dos imigrantes. Estes são obrigados a pagar a sua terra, que é muito mais cara que nos Estados Unidos, e, tendo uma densa floresta para derrubar, ficam logo sem dinheiro. Sua distancia de qualquer mercado, e a impossibilidade de obter colheitas remunerativas, até que os pesados trabalhos do pioneiro sejam executados na mata virgem, influem contra poderosamente, por mais ardoroso que seja o ânimo dos colonos». «Nas terras entretanto que a companhia obteve presentemente, longe dos distritos baixos que margeiam o rio, a perspectiva será mais brilhante».

O Revmo. Fletcher era um pastor protestante que viajava em missão de divulgação da Bíblia; de acordo com isso procurava entrar em contato com as pessoas mais categorizadas. Assim nesta colônia conheceu várias pessoas, como o professor, o médico e outras.

Herr Palm voltou acompanhado pelo professor da escola local. Este era um senhor de aparência elegante, vestido pela última moda de Paris, e, além disso, pessoa a quem não faltavam habilitação e conhecimentos, pois em seus quartos encontrei aparelhos químicos, com os quais estava constantemente experimentando, e também certifiquei-me que era um engenheiro e um artista de mérito não ordinário. Ofereceu-me seus serviços para acompanhar-me ao sacerdote luterano... Pouco tempo depois estávamos em sua casa (do padre) modestamente mobiliada; com efeito, raramente eu vira, nas zonas mais primitivas dos Estados Unidos um ministro rodeado de tão pouco conforto, com tão pouco do que é indispensável à vida».

Quando voltei para a pequena casa de pensão, tive de atender tanto quanto podia aos visitantes (que desejavam a Bíblia). Entre estes havia uma senhora bem educada e fina, a filha de um L. L. D. de Hamburgo, e esposa do principal diretor da colônia do Príncipe de Joinville, que não deve ser confundida com a colônia hamburguesa de Joinville».

«O sacerdote veio ter conosco, um pouco mais cordial desta vez. Ele e o professor convidaram-me para tomar chá. Durante minha visita, este último deixou-nos por algum momento... mas durante a sua ausência o sacerdote me disse: «Como tornou-se conhecido do professor? Ele é um vira-casaca. E então compreendi sua reserva, e a não compreensão de minhas observações, que lhe fizera na presença do pedagogo quando visitamos junto o presbitério. O professor (Carlos Ottero Schlapal, nascera na Bulgária), e era maometano; foi depois para a Alemanha, e finalmente veio para o Brasil com alguns sábios belgas cujo objetivo era realizarem explorações científicas. O jovem afeiçoou-se por uma moça brasileira de 20 anos de idade, renegou a sua religião, tornou-se católico romano e casou-se com ela. Pude apreciar ainda mais a prudência do sacerdote, quando ele me informou que o professor era um boêmio de nascimento, educado em Viena; e que, por causa de converter setenta batistas ao protestantismo, fora expulso da Áustria. Embora recebesse o melhor dos tratamentos do professor, a verdade obriga-me a dizer que entre os habitantes da vila ele tem a reputação de ser católico romano apenas em teoria, pois, na prática era tão turco como se residisse no coração do Império Otomano... (Esta é uma amostra típica do falatório de uma colônia, e de uma colônia com divergências religiosas, apesar da tolerância que dominava no Brasil...). Vejamos como o professor exercia o seu magistério. «Antes de deixar a colônia visitei a escola que é sustentada pelo fundo escolar comum da província, e verifiquei que o búlgaro não se descuidara dos seus encargos, que soubera dar instrução em alemão e português». (5)

Já era tarde quando meus visitantes se retiraram. Na manhã seguinte, muito cedo, montado em cavalo de aparência selvagem e passando por cima da lama e do lodo, fui almoçar com o diretor (era apenas membro da Diretoria) da colônia hamburguesa (a de Joinville, não a do Príncipe). Enquanto cavalgava, vi dos dois lados da estrada as pequenas cabanas dos colonos (que se distinguem das casas brasileiras por suas

chaminés), erguidas entre as largas e protetoras folhas das bananeiras, nesta região onde não há inverno. Mas eles tem uma dura sorte, pois a região da floresta é difícil de limpar; o solo não é tão rico para cereais e outros produtos que estão acostumados a cultivar, e, sobretudo, o povo é pobre, e pertencente muitos deles às mais baixas classes na Alemanha, entregam-se em grande número á bebida. Foi por causa disto que o pastor pediu-me mais publicações sobre temperança».

«A casa do Sr. H. Hartung, ocupava uma bela situação, e, nesse remoto recanto do mundo, era tão interessante como estranho depararem-se, nessa pequena casa, o último «Illustrated New» de Londres, «La Presse» e a «Illustration» de Paris. A senhora H. filha da bela França, mostrava assim que outras mulheres, além das americanas, podiam residir nas matas virgens e suportar com contentamento as fadigas e emoções de uma vida pioneira».

De volta a Joinville, «antes de entrarmos na vila, tomamos um desvio da estrada, subimos um morro coberto de florestas, em cuja encosta via-se o cemitério rural, onde era enterrados os colonos da colonia hamburguesa».

«A terra que cobria os restos de um dos melhores homens da colonia, estava ainda fresca: uma coroa de sempre-vivas tinham sido penduradas com singelo bom gosto por alguma bondosa mão perto da humilde sepultura».

Do alto desse morro, podia-se ter uma bela vista do povoado. Os vivos e os mortos eram assim colocados uns perto dos outros; mas o homem é uma criatura esquecida, e as lições dos cemitérios e das sepulturas recém-abertas, são tão facilmente esquecidas, e as lições dos cemitérios, nesse recanto solitário, como entre o importuno barulho das grandes cidades.

«Percorrendo Joinville, fiz uma rápida visita a um colono, cujo irmão está em Nova York, e quando estava em sua casa, um homem de apparencia distinta entrou. Pela sua conversa verifiquei tratar-se de um médico... A minha palestra com ele foi muito agradável, pois, além de sua devoção, mostrou-se uma pessoa de espirito cultivado, tendo sido educado na Universidade de Halle».

De volta ao Hotel, verifiquei que uma grande cesta de orquídeas, das espécies mais raras, havia sido preparada por ordem minha para eu mandar de presente a um bom amigo do Rio de Janeiro. As orquídeas e mais a cesta, custam apenas três dolares: na Inglaterra valeriam um preço fabuloso, considerando a mania que existe atualmente entre os horticultores nobres e reais por estes curiosos súditos do reino da Flora.

E terminando suas observações sobre a colonia Dona Francisca disse Fletcher:

«Os alemães não podem esquecer sua terra natal; e um golpe de vista mostrou-me que, embora o trabalho pesado deva necessariamente ser o regime da manhã, da tarde e da noite do colono dessas matas, mesmo assim ali estavam todas as instalações para as diversões, um salão de baile e estrado para a orquestra».

Ainda sobre São Francisco devemos a Fletcher mais as seguintes observações e comentários que fez quando de sua volta para Santos:

Em uma de minhas excursões, fiz uma visita à cadeia, cujo único ocupante era um alemão, que, num acesso de raiva, atirou no diretor da colônia hamburguesa. Atualmente, é perfeitamente lícito no Brasil, chamar um homem dos mais fortes qualitativos e enganá-lo tanto quanto se queira impunemente; mas atirar em um homem, excede a todos os limites de tolerância, e a cadeia ou alguma outra pena será a consequência certa de tal ato. O prisioneiro parecia muito feliz, dadas as circunstâncias, tendo um quarto melhor do que ocupei em casa de Herr Schneider, e perfeita liberdade para ir onde lhe aprouvesse, em certas horas do dia».

Entrei na grande igreja, situada perto do centro da vila. O soalho era todo construído de madeira, podendo ser levantado em secções, o que era feito sempre quando havia enterros. Aproximadamente há dois séculos, eram aqui enterrados os que moriam. Um velho negro estava cavando uma sepultura, e de cada vez que a sua pesada enxada (a pá é raramente usada) descia, esmagava ou quebrava cruelmente crâneos e costelas e tudo que era frágil na nossa pobre compleição humana. Os fragmentos eram jogados fora como se fossem a terra comum. Era uma sepultura destinada ao corpo de uma criancinha de um ano...

Em São Francisco encontrou-se com «um jovem médico educado em Breslau que estava para se retirar, desgostoso da colônia e do Brasil. Certamente estava mais adaptado a uma sociedade já formada do que a uma em formação. Alegou, como sua principal razão, que o Brasil era um grande campo para o charlatanismo; os pretenciosos e espertos podem sempre substituir com vantagem os regular e cientificamente preparados. Ele exemplificou com o caso de um barbeiro do exército do Schleswig-Hollstein, que emigrou para a nova Província do Paraná e é agora médico ali da mais alta reputação... Meu amigo de Breslau, era evidentemente, um homem cultivado, e bem versado em sua profissão, mas a sua nostalgia foi sem dúvida o mal que o fez olhar tudo desvirtuadamente; duvido que se encontrasse no Continente ocidental um país onde o governo e a Faculdade de Medicina sejam mais rigorosos que no Brasil. Há charlatões bem sucedidos debaixo das próprias vistas das escolas médicas de Paris, e não é portanto estranho que ocorram exemplos em um vasto e tão pouco populoso país».

- 1 - Leonce Aubé - «La Province de Sta. Catarina e la Colonization»
- 2 - D. P. Kidder e J. C. Fletcher - «Brazil and the Braziliennes» - 7ª Edição 1867
- 3 - «O Brasil e os Brasileiros» - Brasiliana - Vol. 205-A - 2º. Vol. 1941
- 4 - Mais tarde - 1860 - J. Tschudi, vai encontrar na cidade de São Paulo este emigrante de Dona Francisca como proprietário do Hotel (alemão) Palm. Ver Jorge Wilhelm - «São Paulo Metrópole 1865» - Difusão Européia do Livro, página 33, traz a fotografia do Hotel Palm. (antigo hotel dos Viajantes), na cidade de S. Paulo por volta de 1870.
- 5 - Depois, porque não lhe aumentaram os vencimentos, passou a ensinar só em português; em consequência caiu extraordinariamente a frequência á sua escola em beneficio da escola alemã que viu aumentada a sua... Carlos Othon Schlapal, mais tarde veio para Desterro, onde fez uma planta topográfica da cidade.

# APELO DE UMA PONTE

CELSO LIBERATO

Em sua apreciada seção dominical do «Jornal de Santa Catarina», fez recentemente o Professor J. Ferreira da Silva um levantamento histórico da ponte «Lauro Müller», sobre o rio Itajaí-Açu, mais conhecida por «Ponte do Salto», que teve seus pilares de granito levantados no governo Hercílio Luz e sua conclusão e inauguração ocorrida no governo Vidal Ramos, que de passagem seja dito foram duas das mais proficuas administrações catarinenses do passado.

Na parte final de seu trabalho alude Ferreira da Silva ao estado lastimável em que se encontra a ponte, com parte de sua cobertura de folhas de zinco arrancada pelas ventanias, sua estrutura metálica minada pela ferrugem, além dos descompassos e falhas do assoalho.

Por sua vez, vem ultimamente os jornais de Blumenau batendo com acentuada veemência na mesma tecla da penosa situação da ponte do Salto.

Alega-se a existência de um conflito de competência administrativa entre o estado e o Município quanto á obrigação de conservação da ponte.

Daí, o ponto-morto da questão. E no entanto é de salientar que afora a serventia comum de trânsito entre duas zonas densamente povoadas, a de Itoupava e a de Salto do Norte, é a ponte chamariz turístico, não só pela rara beleza do local, um ensombrado de matas e corredeiras de águas, como

ainda pela originalidade de sua construção, ressaltada pela cobertura de zinco, coisa que segundo os visitantes só é vista aqui no Vale do Itajaí.

Ocorre ainda que é a ponte do Salto segura passagem, a salvo das enchentes do rio.

Assim, seja da área estadual ou da área municipal o encargo de conservação, a verdade é que uma ponte de real utilidade pública, com vivas características de fundo turístico e de tão profundas raízes no nosso passado colonial, não deve ficar ao desamparo, em processo de progressiva desintegração.

A persistir o impasse, talvez o tombamento da ponte do Salto como monumento público, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fosse a salvação.

Por que se não sobrevir uma providência de ordem pública, o que mais tarde poderá haver naquela passagem do rio é apenas uma ponte fantasma a espantar turistas e visitantes.

Dimana daí que é de ser ouvido com o interesse reclamado pelas realizações públicas do passado e do presente, o angustiante apelo da ponte do Salto.

Antes que vá de águas abaixo, levada pelo tempo e pelo vento.

E não se há de esquecer que uma coisa é certa: ou conservamos devidamente a ponte do Salto ou damos um salto para trás.

Na admiração do passado, no zelo das velhas construções, na preservação das obras públicas postas a serviço da comunidade.

# «A Eterna Noite Feliz»

Por GUSTAVO KONDER

«Noite feliz! Noite feliz!  
«Ó Senhor, Deus de amor,  
«Pobrezinho nasceu em Belem.  
«Eis na Lapa, Jesús nosso bem,  
«Dorme em paz, ó Jesús.

Aconteceu na noite de Natal, do ano de 1818, quando o padre-poeta Joseph Mohr estava lendo a sua bíblia, na saleta do presbitério da Igreja de S. Nicolau, de Hallein, uma velha aldeia nos confins dos Alpes austríacos. Reinava então entre a criançada de toda a redondeza um festivo alarido, porque podia ficar acordada até altas horas da noite, para assistir à Missa do Galo. Os camponeses e seus familiares vinham rumo à aldeia, pelos mais sinuosos caminhos, cobertos de grossa camada de neve e que, de longe, com as luzes tremulantes das lanternas, pareciam uma gigantesca árvore de Natal com centenas de velas a brilhar entre os ramos.

Mas, o jovem cura não podia admirar a maravilhosa paisagem. Com a bíblia aberta sobre a mesa de madeira rústica, estava preparando o sermão para a missa da meia noite. Relia a passagem dos pastores aos quais os anjos do Senhor comunicaram: - «Naceu-vos hoje o Salvador do mundo na cidade de Davi...».

Quando o padre Mohr acabara de ler este trecho, alguém bateu-lhe à porta. Era uma velha camponesa que vinha comunicar-lhe que a mulher de um pobre carvoeiro, que vivia numa das montanhas da paróquia, tivéra um filho e que os seus pais imploravam para que fosse abençoá-lo, como era o costume da época.

Visitando a misera cabana, avistou uma mulher deitada em seu pobre leito, abraçando feliz o seu filhinho recém-nascido. Ficou emocionado e lembrou-se do que aconteceu, ha centenas de anos, numa mandegoura da cidade de Davi, conforme acabara de ler em sua bíblia. E as palavras que lera na bíblia então adquiriram um significado especial.

Regressando à aldeia avistou centenas de tochas fulgurantes, empunhadas pelos fiéis que rumavam à igreja, cujos sinos anunciavam a hora da missa do Galo, o que representou para o padre Mohr um apoteótico e verdadeiro milagre do Natal.

Após a missa, o jovem cura, sentado á sua mesa de trabalho, procurou inspirar-se no que lhe ia na alma e, sem que o fizesse

voluntariamente, as frases foram transformadas em versos e, ao raiar da madrugada, escreveu um poema.

No dia seguinte, o seu amigo Franz Xavier Gruber, professor da escola primaria e organista da igreja, compos um hino para os mesmos versos.

Algumas semanas depois, um grupo de crianças ouviu, por acaso, o padre e o professor cantando juntos na capela deserta e, como o órgão não funcionasse, Franz Gruber tocava com a guitarra. «Afim de contas, Deus há de ouvir-nos mesmo sem órgão», retrucou judiciosamente o organista.

Um dia, Karl Mauracher, famoso construtor de órgãos, de Zillertal, fora chamado à aldeia, afim de consertar o órgão da Igreja de S. Nicolau e quando terminou o reparo, pediu ao organista Gruber que o examinasse para ver se tudo estava em ordem. Então o professor tocou alguns acordes de «Noite feliz», que compusera com o padre-poeta Mohr. «Nunca ouvi este hino», exclamou surpreendido Mauracher. «Vou toca-lo na minha terra, pois estou certo de que agradará muito». Gruber quis escrever a música, porém o outro ponderou-lhe que não seria necessário: «Hei de guarda-la na memória, onde já tenho tantas outras... uma a mais, uma a menos, não será grande esforço».

Karl Mauracher, em sua terra natal, escolheu, entre as crianças que tinham a melhor voz, os quatro irmãos de nome Carolina, José, Andreas e a pequenina Amália, que mal podia pronunciar direito as palavras. Depois ele ensinara-lhes a cantar corretamente os acordes da «Noite feliz». Estas crianças eram filhos de um fabricante de luvas, de nome Strasser.

Anualmente, pela estação primaveral, os irmãos Strasser, como costumavam as andorinhas, partiam para o norte, a caminho de Leipzig, no reino da Saxonia, onde havia a grande feira. O velho Strasser incumbia os seus filhos de vender luvas, bem feitas e macias, e que logo se esgotavam. Durante os agitados dias da «Feira de Leipzig», os quatro irmãos se sentiam muitas vezes perdidos no meio da multidão barulhenta, então buscavam a coragem e reconforto de sempre: - punham-se a cantar em coro a «Noite feliz», que era a sua canção preferida. Não demorou e a famosa melodia tornou-se popular em todo o vale do Tirol, graças á persistente difusão do velho Mauracher, e também do disputadissimo coro dos quatro irmãos Strasser. E assim fizeram ao mundo uma preciosa dádiva, fruto de inspiração de dois humildes camponeses de Hallein, o padre Mohr e o professor Gruber. Também os quatro irmãos descobriram, dentro de pouco tempo, que a magia daquele hino, tornara-se, como por encanto, apreciadissima no meio da movimentada e barulhenta capital da Saxonia.

Certa vez, um senhor de idade avançada, que se apresentou como sendo o maestro Phlenz, Diretor Geral das Instituições musicais da Saxonia,

entregou-lhes bilhetes para um dos concertos que costumava reger no «Gewandhaus» - antigo teatro de Leipzig. Os quatro irmãos ficaram exultantes. Ao penetrarem na plateia, repleta de senhoras elegantes, com seus luxuosos vestidos de noite, ao lado de casacas impecáveis dos homens, ficaram muito acanhados, mas sentiram-se logo aliviadas ao descobrirem os seus lugares reservados, num canto mais obscuro, bem perto do palco.

Quando terminou o concerto, enternecidos com o que acabaram de ouvir, sucedeu o imprevisto. O velho maestro Phlenz apareceu, e voltando-se para a plateia, indicou que ali estavam presentes as quatro crianças, cujas vozes eram as mais belas que jamais ouvira. Talvez fosse possível persuadi-las a cantar algumas lindas canções tirolezas do seu repertório, para as suas magestades, o rei e a rainha, e o seleta público.

Ao ouvir isto, os humildes quatro irmãos ficaram apavorados e como começassem a aplaudi-los, a pequerrucha e corajosa Amália, segredou aos outros irmãos: - «Vamos fechar os olhos e fazer de conta que estamos cantando em casa».

Cantaram em primeiro lugar a «Noite feliz» e quando acabaram, houve um momento de profundo silencio, antes que os aplausos começassem. Cantaram depois o que sabiam. A plateia aplaudia ainda freneticamente pelo novo «bis», quando um garboso official subiu ao palco e comunicou aos pequenos cantores que as suas altezas Reais desejavam recebe-los no seu pomposo camarote.

«Cantaram muito bem. Tudo muito belo», declarou o rei. «Nos nunca ouvimos esta linda canção de Natal. Qual é a sua origem?». «É uma canção tiroleza, magestade», respondeu Joseph. A rainha em seguida convidou os jovens cantores que viessem ao palácio na noite de Natal, afim de cantar para os príncipes e assim foi que, na véspera de Natal, do ano de 1832, na capela Real do Castelo de Pleissemburg, na Saxonia, os irmãos Strasser entoaram a «Noite feliz», após a missa do Galo.

Assim, a partir daquela memorável noite, a maravilhosa canção tornou-se mundialmente famosa, comemorando a doçura da «noite santa e silenciosa», nascida numa pequena aldeia do Tirol austriaco.

Sempre, ao aproximar-se o Natal, durante muitos anos, a canção é cantada na celebre aldeia de Hallein, na casa em que vivera e onde morreu o velho Gruber. Um dos seus bisnetos ainda toca o acompanhamento do coro, com a antiga guitarra usada pelo professor, quando a utilizou para a primeira execução da maravilhosa melodia, juntamente com o padre Mohr.

Milhares de peregrinos, do mundo inteiro, visitam, anualmente, os túmulos, homenageando merecidamente os dois obscuros criadores da canção popular religiosa mais difundida entre os homens. No patio de uma velha casa de Hallein, onde Franz Gruber viveu e morreu, está o seu túmulo, enfeitado com as cores de sua pátria.

O padre-poeta Joseph Mohr jaz no cemitério de Wagan: uma grande coroa caprichosamente floreada, de ferro batido, tendo no centro, a imagem colorida do padre, sentado escrevendo a famosa canção, enfeitada o seu túmulo.



# JOIAS DA POESIA CATARINENSE

## SONHADORES

BARREIROS FILHO

Essa água azul do mar de barra fora,  
O sol poliu-a no esmeril da luz...  
Que louro ambiente o vosso olhar namora:  
Gaivotas bailam de asa aberta em cruz.

Mas desce a tarde. O dia se reduz.  
Eis a procela, o temporal se arvora,  
A escuridão enfia o seu capuz.  
Na tempestade é feio o mar! E agora

Revida ao vento de rajada e açoite,  
Repincha às cegas resfolgando espumas  
Para cuspi-las no cariz da noite...

Enquadro o anticristão nesta moldura:  
Céu azul, luta brava, afinal brumas  
E a química voraz da sepultura...



### AS NOSSAS INDÚSTRIAS

Vista aérea do parque Industrial da Cremer S/A. - Produtos Textéis e Cirúrgicos, uma das organizações industriais de Blumenau.

## A FUNDAÇÃO DE LAGUNA NA PALAVRA DE UM SEU FUNDADOR

Notícias (1) da povoação e fundação da Villa de Laguna feita por Francisco de Brito Peixoto que foi Capm. mor (Capitão mor) della

Por ser muito do gosto do Sr. Rey D. Pedro II (de Portugal), de gloriosa memória, a povoação da Villa da Laguna, entrou o Capm. Domingos de Britto Peixoto a lhe dar principio, mandando por mar hum Patacho seu, carregado com Ferramentas e gente e muitos escravos, para hirem dar fundo na parte onde lhe ensinarão (ensinaram) e desembarcar para a ditta paragem que era hua enseada chamada Mampetuba, e dahi procurarem a Lagoa dos Patts e principiarem a ditta povoação teve a infelicidade de dar à costa na altura dos Abrolhos donde se perdeu o ditto Patacho e tudo o mais que nelle hia.

Não desanimando o ditto Domingos de Britto Peixoto desta perda e infelicidade, por dar gosto a seu Rey e Sr., entrou com dois filhos seus, o Tenente Sebastião de Brito Guerra e Francisco de Brito Peixoto, a fazer esta conquista e Povoação por terra. Levando muitos escravos (negros) e administrados (índios) seus e mais pessoas de sua obrigação que o acompanhavão, e depois de muitos trabalhos, percas e despesas, chegarão a ditta paragem chamada Lagoa dos Patts, hoje Villa da Laguna de Santo Antonio dos Anjos, donde estabelecerão e principiarão a ditta povoação, afugentando muitos gentios, onças e tigres de que estava muy povoada aquella para-

gem, com perca de muitos Escravos.

Depois de principiada, e estabelecida esta povoação morreu nella o Capm. Domingos de Britto Peixoto, e a seu filho Sebastião de Brito Guerra (2) matou o gentio com veneno (flecha envenenada), ficando só Francisco de Brito Peixoto que com valor igual a seu defunto Pay e Irmão, continuou a povoação fazendo nella Igreja para servir de Matriz, e vindo a Santos e a São Vicente, donde tinham sido moradores, levar Cazays para a ditta povoação e Vigario a quem pagava a sua custa.

Depois de bem estabelecida e fundada esta Villa entrou o ditto Povoador Francisco de Brito Peixoto a explorar e descobrir as Campanhas que se seguiam daquela Povoação para diante passando Rios Caudalosos, como são os de Araranguá, de Bepituba (Mambituba) e o Tramanday e outros corregos fundos.....

4º Que assim como chegou ao dº Sitio da Laguna, fez pôr em terra os mantimentos e ferramentas que pelo mar tinha mandado na Fragata, e desembarcar a gente que amariava; e sendo juntos comessarão a examinar a fertilidade da terra e se tinha as comodidades de se habitar, e por mais que tudo estava cheyo de mattos

Noticias da Povoação, e fundação da  
Villa de Laguna feita por Francisco de  
Brito Pizoto que foi Cap. mór della, Do-  
ou os seus seus Serviços em seu Sobrinho.  
Diogo Pires do Rego.



For ser muito do gosto do Sr. Rey D. Pedro 2.º de gloriosa  
memoria a povoação da Villa de Laguna, entrou o Cap. D.  
Domingos de Brito Pizoto, alle das principis, mandando por  
mór hum Paracho deo carregado com Ferramentas, e gentes  
e muitos escravos para hirem dar fundo na parte onde he  
ensignaria, e desembarcar para d'aditta paragem que era  
huã enseada chamada Marquetubi; da hy procuraram a  
Lagoa dos Patos, e principiarom a ditta Povoação, teve a im-  
feluidade de dar a vista na altura dos Abrolhos donde se  
perdeu o ditto Paracho, e tuvo o maior que nelle heia.

Não decaimando o ditto Domingos de Brito  
Pizoto desta perda, e infeluidades por dar gente a seu Rey, e  
entrou com dous Filhos seus o Pimento Sebastião de Brito Que-  
ra, e Francisco de Brito Pizoto a fazer esta Conquista, e  
Povoação por terra Levando muitos Escravos, e administrado  
Seus

Primeira página da «Noticia da Povoação e Fundação da Vil-  
la de Laguna», fotocópia do original existente no Arquivo Nacional, Rio  
de Janeiro.

virgens, e lagoas profundas com alguma parte de Campos, com tudo pela deligência que fizerão acharão que se podia viver naquelle citio cortando-lhe os mattos para nelles fazerem plantas de sustento e fazerem pastagens para as Lagoas em ordem e pescarem nelas, e que lhe ficavão os Campos para os gados.

5º Que o Sup. (suplicante) Com os mais se resolverão a povoar aquelle sitio; e estando assim deliberados sentirão que naquellas vizinhanças andava gentio brabo, e vagabundo que não tinha domicilio em parte alguma, e receando que os desinquietasse lhe tomassem a Povoação depois de feita, tratarão de os conquistar e expelir para os que os buscarão, e depois de os acharem os acometerão tendo com elles muitas refregas em que matarão bastante gentio o qual também nesta ocazião ele matou cinco (5) escravos, e fugiu para o Sertão (a) dentro deixando ao Supe. e a seu Pay e Irmão mais segados de seu receyo.

6º Que assim como o gentio despejou aqueles matos e campos tratou o Supe. de fazer plantar, assim nos Campos como nos matos, que fez primeiro cortar, e queimar, e ajuntamente levantou casas para se recolherem, e nellas morarem, como também Igreja para receber os Sacramentos, e assistir aos officios Divinos, que o mesmo Supe. mandava fazer por sacerdote que buscou, e descobriu a troco da grande porção que lhe fazia por não haver Clérigo ou Frade que quizesse ir para terras tão remotas inhabilitáveis, e desde então até o presente sempre conservou Sacerdote no do citio pagan-

dolhe e fabricando a Igreja com todos os paramentos necessários.

7º Que passando o prº anno de habitação achou o Supe. pelo que tinha plantado que a terra era muito frutuosa e respondia bem com o trabalho que lhe fazião e mantimentos que lhe plantavão, como também que era muito abundante de peixe por onde se animou a romper, e cultivar muito mais terras, e acrescentar as Casas, e para viverem nellas persuadio e rogou a várias pessoas de diferentes Villas que fossem viver com elle naquela terra dando-lhe ajuda e favor para se passarem a ella, e de mais todos os mantimentos necessários para viverem enquanto não recolhessem frutas, e que para os plantarem daria também os seus escravos como com effeito deu, e sustentou aos que forão para o ditto citio desde o tempo em que se principiou a povoar até o presente, e de mais mandou vir de várias e distantes partes muitas variedades de gado, como bois, cavalos, ovelhas, carneiros e cabras, que produzirão tanto que hoje e já de muitos anos, vem daquelle citio de todo o gado vacuum que se gasta em mayor parte destas Villas do Sul, e fora dellas vão para a Cidade do Rio de Janeiro continuamente embarcações de Carnes Salgadas de que se provem as Frotas q. vão para o Rnº (reino) e inumeráveis couros de boy para solla; e fora desta abundancia manda outra semelhante de peixe salgado para a ditto Cidade e mais Villas do Sul que todas dependem da ditto Povoação por ser só a parte em que se salga o peixe e se manda a fóra vender.

8º Que mostrando a experiencia o que o ditto citio produzia,

e a utilidade que dava com o gado, e pescado seco se forão muitas pessoas viver obrigadas dar ofertas e rogos que o Supe e seu Pay lhe fazia; e para ella mandarão hir embarcações por mar, e outras comprou o Supe e seu Pay para trazer na Carreira a prover os Povos, onde se lhe perderão tres Carregadas e se lhe afogarão alguns escravos; e hoje de presente se acha o ditto citio feito hua grande Povoação pois tem mais de sincoenta (5) Cazaes (familias) fora os escravos, com tanta quantidade de gados que não he possível numerasse nem extinguisse, e de continuo se vay acrescentando com novos moradores pela utilidade que nella tem.

9º Que da ditta Povoação resultou hum proveito comum a estas Villas do Sul e da Cidade do Rº. de Janº.; pelas Carnes Salgadas, e peixe seco, e Legumes que tirão dela de que dando o Pay do Supe. ao Sr. Rey D. Pedro foi servido mandou lhe agradecer por Carta este novo descobrimento, e Povoação

que fez com a promessa de lho remunerar, a qual carta se perdeu em hua das dittas embarcações porém avirão muitas pessoas que della podem testemunhar.

10º Que assim o Supe. como o Sr. seu Pay enquanto foi vivo gastarão muita fazenda (dinheiro) neste descobrimento, e nelle lhe morreu o outro filho Soltrº. (solteiro) o Tenente Sebastião de Brito Guerra com muita quantidade de escravos que lhe matarão e se perderão.

11º Que o dº (dito) Capm Domingos de Brito Peixoto, Pay do Supe faleceu na mesma Povoação depois do dº seu...

- 1 - Estas «Notícias», foram escritas, numa bela caligrafia, pelo único letrado que havia na Laguna, e diltadas por Francisco de Brito Peixoto, filho de Domingos).
- 2 - Pela certidão 2 de 1746, de Curitiba, consta que Sebastião Brito Peixoto foi morto por Silvestre Preto - in «Lajes» - Romário Martins, página 19.



**E**m 1894, o bispo D. José de Camargo Barros, empossando-se na Diocese de Curitiba, era também bispo de S. Catarina, pois este Estado estava sujeito à jurisdição espiritual do bispo da capital paranaense. Em 1895, D. José veio em visita pastoral a S. Catarina. Duas outras visitas pastorais se repetiram em 1898 e 1902. No ano seguinte, 1903 D. José foi transferido para a Diocese de São Paulo e 3 anos depois morreu afogado no naufrágio do navio «Sírio» quando regressava de uma viagem a Roma.

## TRES PINGOS DE HISTORIA

★ O Dr. Blumenau, como bom químico e farmaceutico, que era, tinha particular interesse pela botânica. Principalmente pela botânica aplicada à medicina. Todas as plantas lhe mereciam grande atenção. Junto à sua residencia, na então Stadtplatz, tinha ele o Viveiro da Colonia, onde era tentada a aclimação e a cultura de plantas e sementes que ele trazia de toda parte. Esse Viveiro, grande parte do qual ainda existe e constitui o atual «Parque Edite Gaertner», nos fundos do «Museu da Família Colonial».

Plantas exóticas, já seculares e muitas e anosas espécies nativas ali ainda atestam o amor e carinho do fundador pelas plantas.

★★ Não é de admirar, pois, que as autoridades imperiais não consultassem o Dr. Blumenau apenas em assuntos de emigração. Em 1867, o Barão do Bom Retiro, presidente do Instituto Fluminense de Agricultura, recebeu, para estudos, um officio do Ministro da Agricultura, com um opúsculo de Von Martius e um officio do Dr. Blumenau sobre a cultura da cana.

O dr. Blumenau participava «haver obtido na Índia, com algum trabalho, e muitas despesas, uma pequena quantidade de sementes de uma das melhores espécies de quina ali cultivada pelos ingleses e tê-las enviado para a Colonia de seu nome, em S. Catarina, acompanhando-as de instruções que recebeu na Índia para a cultura da mesma planta. (Na ocasião o dr. Blumenau encontrava-se na Alemanha, como representante do governo brasileiro para assuntos de emigração).

★★★ Se as sementes chegaram à Colonia e deram algum resultado, será assunto de outros «pingos». Neste, queremos salientar, apenas, o grande conceito de Blumenau junto às autoridades superiores do Império. Num dos itens do seu officio-resposta, diz o Barão de Bom Retiro: «Isto não enbargará o governo de atender ao pedido que faz o Dr. Blumenau de se remeter para a sua colonia, nem o de enviar uma porção para a de D. Francisca, aos cuidados do seu director Niemeyer que, como aquele, merece-me conceito por suas habilitações especiais, genio curioso e zelo pelos melhoramentos agrícolas do país». E adiantava que o Dr. Blumenau pensava que o clima do Rio de Janeiro não era o mais favorável à aclimação da quina. E terminava: «E eu também penso assim...».

Indústria Textil  
Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - BRASIL  
Rua Hermann Hering, 1790 — Caixa Postal, 2  
Telegramas: «TRICOT»

HERING

Fábrica de:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a  
Grandeza do Brasil  
em seu Comércio  
e Indústria

Empresa Industrial

Garcia S/A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA  
Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 — Garcia  
Endereço Telegráfico: «GARCIA» - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE  
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO  
TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS  
CRETONES E OUTROS TECIDOS

## A NOSSA CAPA

A igreja matriz da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis) em 1862. (De uma gravura do livro «Reise durch Sued-Amerika», de J. J. von Tschudi, diplomata suíço que visitou S. Catarina naquele ano)

Impresso na Tipografia Centenário de Timbó Ltda. - Timbó - SC